

JORNAL: \_\_\_\_\_ LOCAL: GUANABARA

DATA: 10/12/1987 AUTOR: ANY BOURRIER

TÍTULO: CRÍTICO FRANCÊS VÊ 'ENERGIA' NA ARTE BRASILEIRA

ASSUNTO: \_\_\_\_\_

Quinta-feira, 10 de dezembro de 1987

# Crítico francês vê 'energia' na arte brasileira

ANY BOURRIER  
Correspondente

PARIS — "Modernidade — arte brasileira do Século XX", abriu suas portas ontem no Museu de Arte Moderna para o público de Paris, que ainda poderá ver expostas até fevereiro, em cinco grandes salas, 174 obras de artistas brasileiros, divididas em duas partes, os modernistas e os neo-concretistas.

Temia que fosse uma mostra histórica demais e constato que ela trouxe para Paris, toda a energia e a vivacidade da arte brasileira —, comentou Michel Nuridsany, crítico de arte, que foi comissário da participação francesa na Bienal de São Paulo, em 1985. Michel só critica o que chama de "confusão na escolha dos artistas jovens". Em sua opinião, os organizadores da mostra poderiam ter sido mais rigorosos na escolha da nova geração. Ele se refere à ausência de Cildo Meireles, que considera "um dos talentos jovens mais brilhantes da arte brasileira", e de Carlito Carvalhosa, ambos não selecionados para a exposição do MAM.

Trata-se de um projeto ambicioso de trazer para o exterior uma mostra da criatividade dos artistas plásticos nacionais nos últimos 70 anos, que traz em seu bojo uma variedade surpreendente de gêneros e escolas, compreendendo escultores de inspiração ecológica, como Franz Kracjberg, abstratos e informais, entre os quais estão Antonio Bandeira, Iberê Camargo e Flavio Shiro, pintores contemporâneos como Antonio Dias, Sergio Camargo, Mira Schendel, Antonio Henrique do Amaral, Manfredo Souza Netto, o grupo da Geração 80, representado por Leda Catunda, e muitos outros artistas de renome, como Di Cavalcanti, Lasar Segall, Ismael Nery, Cícero Dias, Guignard, Alfredo Volpi, Oswald Goeldi, Livio Abramo, Rubem Valentim, Milton da Costa, Ivan Serpa, Lygia Clark, Helio Oiticica.

A diretoria do Museu de Arte Moderna de Paris espera que "Modernidade" repita o êxito das grandes

mostras estrangeiras que movimentaram entre 200 mil e um milhão de parisienses nos últimos três anos. Quem viu a exposição em pré-estrela concorda que tem todos os atributos para atrair o público durante os dois meses em que estará em cartaz. A mostra encerra-se dia 14 de fevereiro, quando provavelmente irá para a Alemanha, onde será exibida em Kassel e Frankfurt, antes de retornar ao Brasil, a fim de fazer carreira no Museu de Arte Moderna de São Paulo, sob o patrocínio da Câmara de Comércio e Indústria franco-brasileira.

As obras dos artistas modernos foram distribuídas pelas salas do MAM de Paris, numa bela encenação de formas e cores. "São vários triângulos dentro de um triângulo maior, com diversos eixos, cada qual dedicado a um artista ou a um tema", explicou Roberto Pontual, selecionador de "Modernidade". E, de fato, quem quiser conhecer a arte brasileira do período modernista, vai direto à ala situada à esquerda da entrada do Museu.

Cícero Dias faz a transição entre os modernistas e os concretistas, embora represente, junto com Guignard, Pancetti, Cândido Portinari e Aldo Bonaldi, as tendências dos anos 30 e 40. E finalmente Alfredo Volpi introduz o trabalho dos abstratos, concretos e neo-concretos, entre os quais estão esculturas e pesquisas de Lygia Clark e Helio Oiticica.

Maria Luisa Librandi, curadora de "Modernidade" e Assessora do Ministro Celso Furtado assegurou ao GLOBO que "a vinda desta exposição para Paris custou 600 mil dólares, quantia dividida entre o Ministério da Cultura do Brasil e os organizadores franceses". A produção da mostra exigiu 14 meses de trabalho, pois foi preciso apelar para 69 colecionadores brasileiros, alguns públicos, como os Museus de Arte Moderna do Rio e São Paulo, e outros privados, como Gilberto Chateaubriand. E no Brasil foi idealizado o catálogo, que os franceses imprimiram, de 430 páginas.



"O café", de Cândido Portinari, 1935, é uma das obras da "Modernidade"